



RITUALIDADES SAGRADAS E PROFANAS NA FESTA EM LOUVOR A SENHORA SANT'ANA EM ANÁPOLIS, GOIÁS

Mirelle Antônia Souza Freitas (PG) e-mail: mirelli.a.f@hotmail.com*, Pedro Seabra Acioly Toschi (PG), Prof. Dr. Haroldo Reimer (PQ)¹

¹Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Av. Juscelino Kubitschek,146, Jundiáí, Anápolis, GO. CEP:75.110.390. Fone: (62) 3328-1128

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar os principais momentos ritualísticos sagrados e profanos que ocorrem na festa da santa padroeira Senhora Sant'Ana no município de Anápolis, Goiás. Atualmente a festividade em louvor à santa inicia-se na segunda quinzena de julho e se estende até o dia 26. Os ritos religiosos do festejo como a missa e a novena costumam ser celebrados dentro da paróquia de Sant'Ana e a parte social que envolve as quermesses, barraquinhas e shows ao vivo, no largo de Sant'Ana que se localiza em frente a matriz. Há também a procissão que reúne uma quantidade significativa de fiéis. Esse momento marca o último dia da solenidade. Os procedimentos metodológicos foram fundamentados em pesquisas bibliográficas com autores que investigam acerca das festividades religiosas e o entendimento sobre sagrado e profano nessas manifestações. Ainda realizou-se um estudo no acervo da matriz de Sant'Ana com a finalidade de compreender o aspecto social e religioso da festa.

Palavras-chave: Sant'Ana. Festa religiosa. Devoção. Fé.

Introdução

A pesquisa em questão busca problematizar os principais momentos que ocorrem na festa em devoção a Sant'Ana em Anápolis, Goiás. Para isso será enfatizado como se dá a organização da festividade, a partir da compreensão dos elementos sagrados e profanos que demarcam a manifestação religiosa.

A fim de realizar uma breve contextualização histórica, a devoção à senhora Sant'Ana em Anápolis iniciou-se no século XIX, através de uma personagem por nome de dona Ana das Dores de Almeida e seu filho Gomes de Souza Ramos. Ambos eram tropeiros e em 1870 passavam por Santana das Antas, hoje Anápolis. Ana das Dores era devota de Sant'Ana, e por meio de uma promessa doou a imagem para a primeira capela que fosse construída na região, algo que de fato ocorreu, segundo Rocha:

Em abril de 1870, Gomes de Souza Ramos conseguiu a doação de uma gleba de terra para servir de patrimônio de Santana e, em 1871, concluiria a construção do pequeno templo, cumprindo a promessa de sua mãe. Os doadores foram os fazendeiros Joaquim Rodrigues dos Santos, Inácio José de Souza, Manuel Roiz dos Santos, Camilo Mendes de Moraes e Pedro Roiz





dos Santos. O padre Francisco Inácio da Luz foi o primeiro capelão (ROCHA, 2007, p. 17-18).

No que foi ressaltado pelo autor, a doação de terras aos santos padroeiros foi uma prática comum nas cidades goianas. A gênese dos festejos em dedicação a Santa Ana remonta ao ano de 1870, sendo realizados nas casas dos moradores, e não contaram com a participação do sacerdote. Nesse sentido a religiosidade popular foi crucial para o desenvolvimento da cidade em questão. A partir do momento em que ocorreu a edificação do templo religioso a festividade passou a acontecer dentro desse espaço próprio. Com a chegada dos Frades Franciscanos em Anápolis em 1944, a matriz de Sant'Ana passou pela última reforma. Nessa sequência, “começaram o planejamento para a construção da nova matriz. Para isso deram mais ênfase à festa de Santana, organizando quermesses, a princípio de pouca atração popular” (FERREIRA, 1981, p. 106). Essas comemorações foram de suma importância também em virtude da arrecadação de dinheiro. Com a introdução das quermesses e barraquinhas foi finalizada a construção da nova matriz que ficou mais atrativa e contou com a participação de muitos fiéis. O presente trabalho tem como proposta apresentar de que maneira os aspectos religiosos e sociais integram a festa religiosa em louvor a padroeira senhora Sant'Ana.

Material e Métodos

O procedimento metodológico adotado nesta pesquisa conta com a revisão de caráter bibliográfico com autores que pesquisaram acerca das festividades religiosas, além do caráter documental com análise do acervo histórico da Paróquia Sant'Ana em Anápolis, Goiás.

Resultados e Discussão

A festa em devoção a Sant'Ana é considerada um evento importante para o município de Anápolis, uma vez que remete à gênese dessa cidade. Inicialmente, antes de construir a capela em dedicação à santa, as celebrações ocorriam na casa de moradores, o que facilitou o desenvolvimento do catolicismo popular na região. Após a construção da capela e algumas décadas depois com a chegada dos frades franciscanos tal festa religiosa passou por algumas introduções em seu caráter religioso e social. Dessa forma, ela costuma ocorrer na segunda quinzena de julho e





estende-se até o dia 26 de julho. Os marcos principais da festividade envolvem ritualidades sagradas tais como novena, missa e procissão e ritualidades profanas como quermesse, barraquinhas e shows artísticos.

O romeno Mircea Eliade (2012) afirma em sua obra *O sagrado e o profano* que a conceituação de espaço sagrado pode ir além e transcender limites materiais. Partindo da ideia de espaço sagrado enquanto construção, como a exemplo, igrejas e templos, ocorre uma sacralização de tudo que perpassa seu interior, transcendendo o aspecto profano que se encontra por fora de suas limitações. Para o homem religioso, todo o mundo é sacralizado por si só a partir do momento em que a experiência do elemento sagrado torna possível a criação de um mundo. Onde existe a hierofania, isto é, o aparecimento ou manifestação do sagrado, faz-se presente uma cosmogonia, de forma em que o mundo deixa de se perceber enquanto mundo à medida que se revela como um mundo sacralizado; portanto, para viver no mundo, é preciso fundá-lo, isto é, criar ponto de referência fixo.

Segundo mesmo pesquisador, há ainda uma diferenciação na percepção de tempo, entre tempo sagrado e tempo profano. No profano, a duração temporal se dá de forma ordinária, de maneira que o indivíduo se encontra por vezes em rotina tediosa de trabalho e atividades cotidianas. O sujeito religioso pode, porém, “parar” o tempo profano, a partir de intervalos (no tempo) sacralizados, que não participam da duração temporal anterior ou posterior, de estrutura composta de origem divina, portanto, sacralizada. Esses intervalos temporais se dão, de forma mais comum, a partir de festejos, como uma fuga ao tempo ordinário, compartilhando, assim, da presença de divindades nas comemorações. É, portanto, a partir dessas festas e comemorações religiosas que o sujeito passa a viver em um tempo sacralizado. Pode-se dizer que o tempo sagrado pode ser sempre o mesmo, uma “sucessão de eternidades”, que se trata em sua maioria um acontecimento *ab origine*, isto é a partir da origem, e que é presente a partir da ritualística da festividade. Assim, os participantes da festa se tornam contemporâneos do acontecimento sagrado. O homem religioso sente a necessidade de adentrar nesse tempo sagrado e indestrutível:





Na festa reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina [...] reencontra-se a dimensão sagrada da existência, ao se aprender novamente como os deuses ou os antepassados dos míticos criaram o homem e lhe ensinaram os diversos comportamentos sociais e os trabalhos práticos (ELIADE, 2012, p.80).

Além do elemento hierofânico das festividades, é possível encontrar também a possibilidade e identificação do profano, ou seja, daquilo que não é sacral. Nas festas religiosas, abre-se uma permissão de excessos justificáveis, como expõe Meslin:

[...] o tempo da festa se apresenta muitas vezes como um tempo de excesso permitido, ordenado, chegando às vezes à violação de uma proibição; em todo caso, como o lugar onde explode um desejo coletivo de contraordem e não tanto de desordem, com ritos de inversão social e/ou sexual. [...] O excesso vivido e praticado nesse tempo festivo é como um remédio para o desgaste do tempo humano. Num sentido, a festa marca um retorno ao passado, realizado por meio de técnicas e ações simbólicas precisas, e que é um retorno a uma Idade de Ouro. Desta forma a festa atua como memória. Mas como as condições atuais nas quais a festa se realiza não são mais aquelas desse tempo primordial que ela recorda, ela não pode ser vivida senão como uma transgressão do cotidiano (MESLIN, 2014, p.156).

É comum encontrar interpretações relacionadas ao sagrado e profano de maneira em que se perceba polaridades. O sagrado assim o é porque transcende o elemento profano, sendo puro e limpo. O profano poderia se compreender enquanto tudo o que não é divino, tudo o que é impuro e que se percebe no caos e na desordem na vida do homem religioso. É esperado que o homem religioso aguarde que o elemento sagrado realize influência em sua vida, introduzindo a ordem (MESLIN, 2012). Porém, nos cabe refletir acerca do encantamento dos fiéis em festas religiosas populares, que, mesmo exercendo atividades profanas, vivenciam um aspecto de fé.

No ano de 1947, a festa de Sant'Ana ocorreu na cripta da matriz até que fosse concluída. Durante a festividade havia barraquinhas, bingo, rifas e leilões. Sobre o momento social se afirma que:

Senhoras e senhoritas da nossa sociedade organizaram duas barraquinhas que se intitularam: CASTELO DAS ROSAS e RANCHINHO DAS MARGARIDAS. Nas barraquinhas vendiam-se salgados, amendoim torrado, bebidas, etc. Havia também outros meios de se angariar dinheiro, tais como leilões, correio elegante e concursos de beleza (FERREIRA, 1981, p. 106).





Como foi salientado sobre a festa de Sant'Ana, os espaços sagrados e profanos sempre fizeram parte do festejo, desde as primeiras festividades ainda no final de 1940. Mesmo que fossem separados na perspectiva de alguns observadores, os aspectos religiosos e ordinários intercorrem no mesmo local, tempo e proposta. Realiza-se uma ruptura no espaço temporal para harmonização entre os elementos.

Considerações Finais

O que nos cabe refletir acerca do tema tratado diz respeito às nossas percepções quanto às polaridades discernidas pelo homem religioso. A instauração de barraquinhas e quermesses dentro de um formato festivo de fé permite a interlocução de aspectos ordinários profanos dentro de um espaço e tempo delimitado como sagrado. Dessa maneira, pode-se perceber o diálogo direto entre sagrado e profano, em que o sagrado é profanado e o profano é sacralizado (ELIADE, 2012). Caberiam ainda discussões relativas a campos psicossociais do homem, se tal interlocução entre elementos afastaria o homem de fé da experiência com o transcendente imaterial, ou se realizaria o convite formal de apresentá-lo o mundo imaterial, mas isso deve ficar para outro espaço.

No encanto da religiosidade popular, sagrado e profano se harmonizam e na festa de Senhora Sant'Ana em Anápolis, a festividade também cumpre seu papel enquanto transgressão e redenção para o homem religioso.

Agradecimentos

Agradeço em especial ao professor orientador Dr. Haroldo Reimer pelas valiosas orientações; ao Programa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), pela bolsa concedida de pesquisa *Stricto Sensu* nível mestrado e ao coautor Pedro Seabra Acioly Toschi pelas contribuições no decorrer do trabalho.

Referências

- Arquivo documental da paróquia Sant'Ana.
ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
FERREIRA, Haydée Jaime. **Anápolis, sua vida, seu povo**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2011.
MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa**: A experiência humana do divino. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
ROCHA, Hélio. **Anápolis e assim se passaram 100 anos**. Goiânia: Kelps, 2007.

